

Curricúlos devem tornar-se mais flexíveis

Universidades
apresentaram um total de
800 propostas ao
Ministério da Educação

SIMONE BIEHLER MATEOS

Encerrou-se ontem o prazo dado pelo Ministério da Educação (MEC) para que as universidades apresentassem suas propostas de diretrizes curriculares mínimas para cada um dos cursos superiores do País. No total foram apresentadas 800 sugestões.

No Estado de São Paulo, as discussões foram feitas pelos diversos departamentos das universidades, muitas vezes com a colaboração de organizações de classe, caso da Universidade de Campinas (Unicamp), que solicitou ajuda do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (Crea), Conselho Regional de Biologia, além de sindicatos.

A Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) manteve intercâmbio com a Universidade de São Paulo (USP) na área de medicina. "As diretrizes curriculares são mínimas, por definição, para permitir que cada curso seja estruturado com bastante autonomia", diz Ada Pellegrini, pró-reitora de graduação da USP.

No Estado do Rio, cerca de 70% dos cursos da Universidade Federal Fluminense (UFF) encaminham sugestões ao MEC.

O processo de discussão variou. Enquanto alguns cursos fizeram apenas debates in-

ternos, outros, como o de engenharia da Unicamp, reuniram representantes dos vários câmpus com as entidades da área para chegar a um consenso sobre o tema.

Segundo o pró-reitor de graduação da Unicamp, Ângelo Cortelazzo, a universidade enviou ao MEC sugestões para praticamente todos os cursos. Uma tendência é comum a todas as áreas: o reconhecimento de que a velocidade das inovações é tal que o modelo de ensino tradicional — com professores e alunos em sala de aula — já não é viável. "A ênfase é ensinar o aluno a aprender", diz Cortelazzo.

Na opinião do pró-reitor, isso pode ser traduzido em três tendências claras. A primeira é a preocupação com a formação mais geral,

**ÊNFASE É
ENSINAR O
ALUNO A
APRENDER**

com a inclusão no currículo de temas que propiciam a reflexão sobre o caráter ético e humanístico do profissional que se pretende formar. A segunda é uma tendência à abertura das grades curricu-

lares, reduzindo as disciplinas obrigatórias e ampliando as possibilidades do aluno de aprofundar-se na área de sua escolha.

O professor Ronaldo Pombo, coordenador dos projetos especiais da Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos da UFF, diz que as sugestões locais referem-se principalmente a uma "adequação dos cursos às especificidades regionais".

As propostas que a Unicamp apresentou ao MEC prevêem a redução do número de horas dos cursos em torno de 10% a 20%. "O alu-

no dever ter tempo para sair atrás do conhecimento", diz Cortelazzo.

A mesma filosofia básica inspirou as propostas curriculares da Unifesp para a área de medicina. A diferença é que as sugestões da universidade vêm sendo debatidas desde 1995 e já se tornaram experiência concreta no ano passado, com a introdução do currículo nuclear.

"Fizemos um programa mínimo com os conhecimentos que todo médico deve ter e liberamos cerca de 25% das horas do curso para o aluno escolher entre um amplo leque de disciplinas eletivas, programas de iniciação científica ou monitoria", diz o pró-reitor de graduação da Unifesp, Durval Rosa Borges.

No curso de medicina da UFF a preocupação é acabar com a fragmentação do ser humano promovida pela especialização excessiva: "Deve-se estudar a pessoa como um todo, tratando o doente e não

a doença", diz Pombo. O médico, segundo ele, deve estar apto a cuidar das doenças mais comuns da região, que teriam maior carga horária nos cursos. Há ênfase também na medicina preventiva.

Na área de engenharia da Unicamp, as propostas concentram-se na ampliação do espaço previsto para conteúdos de ciências humanas, sociais e do ambiente, além de economia e administração.

No caso da medicina da Unifesp, entre as disciplinas eletivas (cerca de 60, das quais o aluno deve fazer quase 20) figuram desde filosofia, antropologia, até terapêutica gênica, sendo um dos cursos mais procurados o de alcoolismo e drogas.

Nos programas de iniciação cien-

tífica, o aluno desenvolve uma pesquisa sob orientação de um professor. É possível também optar por programas de monitoria e trabalhar com médicos nos ambulatórios.

"Um pouco de pesquisa, entretanto, é obrigatório, porque é essencial para que o médico possa

ter uma visão crítica até das bulas dos remédios", argumenta Borges.

Segundo ele, a avaliação inicial da experiência tem sido muito boa. "Os alunos estão mais estimulados porque têm a possibilidade de

entrar em contato com as práticas médicas desde o início do curso e podem experimentar as diferentes áreas antes de escolher sua especialidade." (Colaborou Felipe Werneck)

GRADES
CURRICULARES
DEVEM SER
MAIS ABERTAS